

## **A EJA E O COTIDIANO ESCOLAR: UM DESAFIO À PRÁTICA DO PROFESSOR**

(Autor) Maria do Socorro Guedes; (Co-autores); Daniel de Souza Andrade; Tainá Maria de Oliveira Santos; Jailda Santos Arruda; (Orientador) Sílvio César Lopes da Silva

*Universidade Federal de Campina Grande, socorrogedes2@gmail.com; Universidade Federal do Rio Grande do Norte - PPGED- Bolsista CAPES, sclop3@yahoo.es*

### **Resumo**

Nosso artigo parte das observações sinalizadas em sala de aula a partir do que vivenciamos e testemunhamos junto a Educação de Jovens e Adultos. Uma educação que tem em seu bojo o propósito de fornecer ao seu público específico, educação de qualidade, adequada as necessidades do aluno, porém, desvirtuada de seu propósito, torna-se depósito de problemas os quais a cada dia crescem e desvirtua de sua missão. Assim, mais que uma crítica, nosso propósito é trazer uma discussão da questão, fazendo com que todos repensem o seu papel nesse processo, da escola ao professor, das políticas públicas educacionais à sua efetivação. Temos em mente que sociedade vem passando por transformações, as quais respingam na escola e modifica o sentido que a mesma vem a ter para aqueles que a buscam. É aqui que situamos nossa reflexão, e o propósito de nosso artigo. Mais que uma simples forma de se obter uma certificação, a EJA é uma oportunidade de vida, a qual o sonho utópico, torna-se realidade.

Palavras-Chave: EJA, Alunos, Professores, Realidade educacional

### **Introdução**

Ao longo dos últimos anos atuando na Educação de Jovens e Adultos, fomos percebendo o quanto o público foi se modificando e se tornando heterogêneo, uma vez que na sua maioria temos muitos jovens e poucos adultos. Além do interesse pela EJA, o qual antes era alegria por voltar a estudar e retomar sonhos e esperanças, hoje é, acelerar etapas e obter o certificado de conclusão do ensino médio, mesmo sem saber do mínimo necessário para atuar posteriormente na sociedade. Atrelado a esse desafio constante, motivar o aluno para o verdadeiro e real sentido da educação, nesta modalidade de ensino, encontra-se a escassez de recursos, a falta de material didático e a inadequação do currículo as necessidades do aluno e sua respectiva carga horária.

Mesmo sendo um direito garantido ao jovem e ao adulto, e estando presente nas respectivas leis e parâmetros nacionais, a exemplo, a LDB – Lei nº 9.394/1996 e os PCN's, não se tem um olhar mais profícuo para essa modalidade de ensino, uma vez que o perfil dos sujeitos que estão inseridos no mesmo, difere daqueles que perpassam o ensino regular. São jovens e adultos na sua maioria moradores da periferia das cidades e de grandes centros urbanos, trabalhadores que buscam adequar o tempo do trabalho com o tempo dos estudos.

Jovens que por uma razão ou outra, foram deixados a margem do sistema educacional, mas que no presente momento, a partir da conjuntura social, se vêem obrigados a retornar à escola para obter uma certificação e, por conseguinte uma possível inserção no mercado de trabalho.

Na contramão de todo esse processo, destaca-se o trabalho do professor, que em seu fazer diário, busca alternativas que visam minimizar as dificuldades de sua labuta, ao passo que, responder positivamente aqueles que retornam à escola e nesta encontram novas formas de sonhar e continuar a lutar por seus sonhos.

Partindo desses pressupostos é que pensamos esse artigo. Refletir a luz das leis, autores e de nossa prática à Educação de Jovens e Adultos num cenário educacional que tem em seu bojo a exclusão, a seleção e a classificação. Para tanto, além das experiências relatadas, faremos um apanhado bibliográfico o qual respaldará nossa reflexão.

### **Abordagem metodologia**

Sendo a pesquisa fase da investigação e da coleta de dados sobre o tema a ser estudado, ela precisa está embasada numa metodologia que aponte caminhos a ser percorridos, facilite a coleta de dados, e, por conseguinte a análise dos mesmos. Pensar na metodologia, nem sempre se torna um ato fácil, uma vez que são várias as abordagens existentes. Porém, quando olhamos para nossa realidade e para os objetivos os quais nos propomos, acabamos optando por aquela que mais nos aproximamos e temos afinidade.

Assim, mesmo partindo uma reflexão que tem por base nossa experiência, para que a mesma esteja respaldada e situada enquanto pesquisa sentimos a necessidade de buscar nos autores e fontes a o respaldo necessário. Dessa forma, chegamos a pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico.

Compreendemos a pesquisa qualitativa a partir daquilo que Groulx (2008) afirma:

A pesquisa qualitativa introduz um novo sentido dos problemas; ela substitui a pesquisa dos fatores e determinantes pela compreensão dos significados. Ela opera, poderíamos dizer, um duplo deslocamento na pesquisa social; isto é, da instituição à comunidade, e do profissional ao usuário. (GROULX, 2008, p.98)

Ou seja, a pesquisa qualitativa está relacionada não só com o levantamento de dados, mas também com a interpretação e compreensão destes. Daí seu duplo deslocamento, como ressalta o autor, uma vez que os insights que vão surgindo ao longo desse processo, indicam caminhos às possíveis decisões sobre a o assunto em pauta.

Arelada a essa questão qualitativa, nossa abordagem é de cunho bibliográfico. Uma vez que os dados e informações obtidos, servirão de base para a construção da investigação bem como para o respaldo destes.

Assim:

A pesquisa bibliográfica é um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revestidos de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema. O estudo da literatura pertinente pode ajudar a planificação do trabalho, evitar publicações e certos erros, e representa uma fonte indispensável de informações, podendo até orientar as indagações. (LAKATOS E MARCONI, 2003, p.158)

Dessa forma, é de responsabilidade do pesquisador estabelecer estratégias que visem à coleta de dados, e facilite a identificação dos principais trabalhos que abordam e refletem o tema proposto. Assim, mais que autores, teorias e dados, a metodologia abordada implica no esforço e na realização de um método que garante a pesquisa e a torna imparcial.

### **Das garantias as negligências**

Ao voltarmos nosso olhar para a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB – Lei nº 9.394/1996, nos deparamos com a Seção V que tem como título “Da Educação de Jovens e Adultos”. O que nos chama a atenção é que, mesmo sendo uma realidade presente no modelo educacional de nosso país, apenas dois artigos sinalizam como deve se configurar a educação de jovens e adultos.

A começar pela LDB, destaca-se que pouco se pensa ou prioriza a EJA, uma vez que, se atentarmos para o aquilo que é sinalizado no parágrafo primeiro do Art.37, “§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames.” (BRASIL, 2016, on line), vamos perceber que, enquanto garantia essa modalidade de ensino acontece, mas enquanto direito não. Pois, ao tomarmos, por exemplo, nossa realidade, constatamos que, algumas questões como: interesse do aluno, condições de vida e adequação de exames, na maioria das vezes são deixados de lado. Pois, tanto o professor quanto o aluno não estão preparados a tal realidade. Se por um lado existe o interesse do professor em adequar-se a essa realidade, contextualizando conteúdos, motivando o aluno a participar ativamente das aulas e etc, por outro, torna-se inviável devido ao tempo disponível para se trabalhar com o aluno, a distância entre a escola, o trabalho e a residência do mesmo, uma vez que muitos apresentam certo cansaço, pois vão do trabalho direto para a escola, e não conseguem um bom rendimento nas aulas.

Em um trabalho recente nos damos conta que,

O sentido do fazer pedagógico do professor é o seu aluno. Ele é a vida, ação, pensamento, sentimento e etc. Ter essas questões em mente é dialogar com os sujeitos lhes permitido ser co-autores do processo que lhe compete, o ensino-aprendizagem. (SILVA e CASTRO, 2017, p.201)

Ou seja, quando o professor atenta as necessidades do aluno, torna-se mais fácil a mediação do conhecimento, e por conseguinte o envolvimento do aluno. Para tanto, o professor sozinho não consegue dar conta das questões que vão além de suas possibilidades e impedem um maior envolvimento. Podemos tomar como exemplo, os recursos didáticos e financeiros, condições dignas de trabalho e um espaço físico que seja acolhedor.

Tal observação nos remete ao parágrafo segundo do referido artigo, “§ 2º O Poder Público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si”, ou seja, a orientação é que ações sejam integradas e façam com que o aluno permaneça na escola. Essa não é a realidade, pois se tomarmos por base nossas salas de aulas do ensino médio, turmas com um número considerável de alunos matriculados, tem altos índices de desistência e abandono, o que prova-nos que é preciso muito mais que conteúdos para fazer com que o aluno permaneça na sala de aula.

Em 2002, foi lançada uma Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos voltada para o segundo seguimento da educação básica. Este já apontava a necessidade de uma adequação curricular, desde a seleção de conteúdos, a sua organização, bem como os possíveis recursos. (BRASIL, 2002) Enquanto isso, para o professor na sala de aula, o material torna-se subsídio indispensável, mas, enquanto prática e adequação não se efetivam, pois é preciso atentar para o fato que, aqueles que estão a frente das políticas públicas, as planejam, para a EJA, porém, tomam por base os alunos do ensino regular.

Indo ao encontro dessa proposta de educação enquanto política pública, os PCN’S sinalizam possíveis saídas que desencadeia melhorias na qualidade da educação a partir do investimento nas diferentes frentes, como a formação inicial e continuada dos professores, a qualidade da educação e do material didático além dos recursos para a sala de aula. Assim:

Os parâmetros curriculares Nacionais estão situados historicamente – não são princípios atemporais. Sua validade depende de estarem em consonância com a realidade social, necessitando, portanto, de um processo periódico de avaliação e revisão (BRASIL, 2001, p.37)

Ou seja, é preciso atentar para o fato que, enquanto normativa, as leis e decretos devem estar a serviço do povo e adequar-se a realidade, pois, com o passar dos tempos faz-se

necessário repensar e reatualizar as mesmas. E em si tratando de jovens e adultos, e o modelo social de relações que temos hoje em dia, este é uma constante necessária e urgente.

Por mais que tenhamos avançado quanto às conquistas a uma educação de qualidade, necessitamos de mais comprometimento de todos os envolvidos, para que dos recursos aos subsídios, todos se sintam co-responsáveis pelo que se ensina e aprende na sala de aula. Para tanto, é de suma importância, lutar pelos direitos e fazer da educação uma conquista e não um favor.

### **O desafio de uma educação de qualidade a partir do modelo social contemporâneo**

Ultimamente estamos vivenciando um turbilhão de experiências sociais, as quais com a mesma intensidade que surgem, desaparecem. E nesse ínterim, situamos o jovem e o adulto, que se vê refém de um sistema que tem em seu bojo a exclusão, o individualismo e a competitividade. Com isso algumas questões surgem e nos fazem refletir o papel da escola nesse processo, bem como a formação de qualidade como resposta ao que é imposto socialmente.

Para Teixeira. (1999)

Diferente dos animais, que estão na natureza como seres já dados, prontos, e, portanto, fechados, o homem traz consigo o imperativo de crescer sempre mais no seu ser. Sua vida se manifesta como abertura. Através da relação e na relação, existe possibilidade de tornar-se sempre mais e melhor. A vida do homem, antes de mais nada, se apresenta como um encontro. Essa possibilidade aberta ao homem nós a chamamos de educação. (TEIXEIRA, 1999, p.24)

Ou seja, como ser social, o homem se constrói a partir de sua convivência e contato com outros homens, e nesse encontro educacional que ele se situa no tempo e no espaço e busca por meio do mesmo responder a seus anseios. Porém, quando isso lhe é negado, ele passa a viver a margem do sistema e, por conseguinte, excluído pelo mesmo.

E mais adiante, o mesmo autor conclui que:

Na educação e por ela, o homem não somente assume uma condição de abertura ao novo, mas, sobretudo, supera a si mesmo, atualiza suas capacidades e potencialidades. Por isso, a tarefa primeira da educação é a humanização. Educar um homem implica ajudá-lo a tornar-se humano. Só o homem é um ser durável que consegue conservar e propagar a sua forma de existência por meio da vontade e da razão. O ser humano cria progressivamente a si próprio e cria, pelo conhecimento do mundo exterior e interior, formas melhores da existência humana. (TEIXEIRA, 1999, p.25)

Cabe destacar que os tempos mudaram e se tornaram efêmeros, daí a necessidade de adequar-se as exigências educacionais do mundo. Dessa forma, a educação e a escola de hoje não devem ser a mesma de há alguns anos, uma vez que os tempos mudaram e estão mudando

constantemente, porém, é preciso enfrentar alguns desafios que vão surgindo ao longo desse processo.

Refletindo sobre o papel da escola para as classes subalternas e os menos favorecidos, Arroyo (1991) destaca que:

Falar na escola possível para o povo significa muita coragem diante do desânimo que tomam conta dos profissionais da educação, diante de uma longa história de fracassos da escola, e diante de um estado falido enquanto responsável pelos serviços públicos. Até para certos setores falar na escola possível pode representar ingenuidade política: defender a escola, aparelho ideológico do Estado capitalista por excelência? Estamos entre aqueles que acreditam que a educação escolar para o povo é possível e necessária. A negação da educação escolar para as classes subalternas interessa a quem? Não é essas classes que demandam escola, que sacrificam como podem para manter seus filhos na escola de trabalho. A negação do saber interessou sempre à burguesia que vem submetendo o operariado ao máximo de exploração e de embrutecimento. Interessou ao Estado excludente que prefere súditos ignorantes e submissos. O povo percebe sua condição de ignorância, os motivos por que é mantido ignorante, e tenta sair de sua condição. A história feita de luta e de reivindicações dos moradores de cada bairro, vila ou povoado. Foram necessárias muitas lutas dos profissionais da educação para que se garantissem condições mínimas de trabalho na escola. (ARROYO, 1991, p.12)

O autor chama-nos a atenção para o fato que, é preciso pensar naquilo que temos em mente quando afirmamos que a escola de fato é do povo, uma vez que, a mesma não é pensada e suas práticas não estão a serviço do povo. Quando a escola escolhe os melhores e esquece dos “piores” ao longo do processo, ela está a serviço de quem? A quem o interessa os dados estatísticos dos exames nacionais divulgados todos os anos? É preciso pensar uma forma de educar que torne os sujeitos parceiros ativos do processo.

Concordamos com Freire (1996), quando o mesmo refletindo sobre o papel do educador e os saberes do educando nesse processo de escolarização afirma-nos que:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária – mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes. Por que não há lixões no coração dos bairros ricos e mesmo puramente remediados dos centros urbanos? Esta pergunta é considerada em si demagógica e reveladora da má vontade de quem a faz. É pergunta de subversivo, dizem certos defensores da democracia. (FREIRE, 1996, p.15)



Quando se correlaciona o saber a prática, aquilo que se aprende não se esquece, pelo contrário, passa a fazer parte da vida do aprendiz. Mas para que isso se transforme numa constante da sala de aula, é preciso que as velhas práticas, engessadas e ultrapassadas sejam substituídas por novas metodologias, que desperte no aluno o gosto pelo saber e a alegria do espanto ao ser-lhe revelado o conhecimento.

Para tanto, a própria sociedade vem dando sinais de avanços quanto ao uso das tecnologias, e cabe a escola abrir-se ao novo, fazendo com o diálogo entre o tradicional e o moderno paute as discussões nos debates e acertem o alvo que o aluno. Para tanto, é preciso uma escola que comporte o perfil contemporâneo de aprendizado e do aluno, e os a ajude a vencer todos os desafios que a educação moderna lhes impõe.

### **A inclusão das tecnologias na sala de aula como ferramenta educativa**

Em se tratando da educação de jovens e adultos os desafios são constantes. Desde a permanência do aluno na sala de aula, aos recursos didáticos utilizados na sala de aula como ferramentas mediadoras do conhecimento. E é sob essa perspectiva que situamos as tecnologias como uma constante na vida de cada aluno, porém, ausentes das práticas educativas desenvolvidas na sala de aula.

Temos observado nos últimos anos a presença de uma tecnologia sendo usada nas aulas, o data show, porém, o seu papel é de apresentar o conteúdo trabalhado em sala, porém, assumindo a função que até então pertencia a outra tecnologia, o quadro e o giz. Ou seja, a substituímos as ferramentas, mas não modificamos a prática.

Sobre essa questão, Silva (2014) traz uma excelente reflexão a qual nos faz pensar o papel das tecnologias na sala de aula. Assim:

Na condição de desafio, é preciso olhar para as tecnologias e a internet como auxiliar do processo ensino-aprendizagem e não restringir o seu uso no contexto escolar. Que o aluno acesse a internet usa as tecnologias em seu cotidiano, nos mais diversos locais e contextos, menos na sala de aula, isso é fato. Que ele foi aprendendo a usar e a acessar a web quer seja pela curiosidade ou com a ajuda dos colegas, tudo isso fora do ambiente escolar, é evidente. Porém, o desafio é trazer tais práticas e contextos, tão significativos fora dos muros da escola, para dentro da sala de aula, já que não há espaços nem mobilizações para que seu uso aconteça efetivamente e de forma gradativa. Daí ser de suma importância a participação e o empenho do professor na mediação quanto ao uso e tais ferramentas e instrumentos. (SILVA, 2014, p.88)

Se olharmos, por exemplo, o celular, nos damos conta que os mesmos são utilizados pelos alunos e estão presentes na sala de aula. O que nos falta é criarmos alternativas que

dialoguem uso, conteúdo, pesquisa e saber. Mas para que isso aconteça é de suma importância o professor desprender-se de certas práticas, atentar para as novas possibilidades e ousar quanto a questão do uso das tecnologias.

### **Considerações Finais**

O tema Educação de Jovens e Adultos tem sido uma constante nos debates educacionais e por conseguinte tem gerado a mobilização social para questões pontuais que abordam essa modalidade de ensino. cremos que, mais reflexões, é preciso ações concretas que signifiquem a presença do aluno na sala de aula e a prática do professor como medidor do conhecimento. Para tanto, é preciso repensar as políticas públicas educacionais, a começar pelos cursos de formação de professores, que em seu bojo, prioriza os alunos da educação básica e do ciclo regular, esquecendo-se da existência do aluno da EJA.

O estudo aqui exposto ressalta a importância de se ter uma escola atenta as necessidades do aluno e comprometida com o seu papel social, educação de qualidade. Mas para que isso ocorra, é de suma importância o envolvimento de todos, daqueles que atuam na escola à sociedade. Atrelada a essa questão, destaca-se as tecnologias, que podem ser uma parceira no fazer do professor, mas para que isso aconteça, cabe ao professor buscar alternativas que signifiquem ainda mais a presença e seu uso no cotidiano da sala de aula.

Fica-nos evidente, que a EJA exerce um papel singular na vida daqueles e daquelas que regressam à escola, sonhos, esperanças e forças são renovadas. Porém, mesmo sabendo que a intenção de muitos dar-se, apenas, pela obtenção de um documento, cabe aos envolvidos desse processo, o professor, trabalhar a importância do ato de aprender. Para que o sonho se torne realidade e a conquista uma constante na vida de cada educando.

### **Referências Bibliográficas**

BRASIL. [Lei Darcy Ribeiro (1996)]. **LDB: Lei de diretrizes e bases da educação nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.** – 13. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. – (Série legislação; n. 263 PDF)

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3 ed.- Brasília: A Secretaria, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Proposta Curricular para a educação de jovens e adultos:** segundo segmento do ensino fundamental: 5a a 8a série : introdução / Secretaria de Educação Fundamental, 2002. 148 p.: il. : v. 1



INEP. **Censo Escolar 2016 reforça desafios para universalização da educação no Brasil.** [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/censo-escolar-2016-reforca-desafios-para-universizacao-da-educacao-no-brasil/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/censo-escolar-2016-reforca-desafios-para-universizacao-da-educacao-no-brasil/21206) <Acesso em 25 de Agosto de 2017>

GROULX, Lionel-Henri. Contribuição da pesquisa qualitativa à pesquisa social. In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Tradução de Ana Cristina Nasser.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

LAKATOS, E. M; MARCONI, E.M. **Fundamentos de metodologia científica.** - 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

PAIVA, J; MACHADO, M. M; IRELAND, T. (Orgs) **Educação de Jovens e Adultos: uma memória contemporânea, 1996-2004.** – Brasília: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura, 2007.

TEIXEIRA, E. **A educação do homem segundo Platão.** São Paulo: Paulus, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** – São Paulo: Paz e Terra, 1996.